



RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: UTILIZANDO O CINEMA NA DESMISTIFICAÇÃO DE TABUS E PRECONCEITOS

Turke, Nathália Hernandez¹
Paula de, Caroline Pianta²
Maistro, Virgínia Iara de Andrade¹

¹Universidade Estadual de Londrina – Londrina-PR

²Unicesumar - Maringá-PR

RESUMO

Apesar de gênero e sexualidade não possuírem um importante espaço para discussão no dia-a-dia social e escolar, existe uma necessidade de colocá-los na pauta do dia para que reflexões aconteçam. Esta pesquisa foi realizada com 120 estudantes do sétimo ano de uma escola estadual em Londrina-PR, e com 20 pessoas escolhidas aleatoriamente na população em geral, de diversas faixas etárias, em um período de 30 dias, tendo como objetivo a desmistificação de tabus e preconceitos sobre a população LGBT. Os participantes foram avaliados, após assistirem filmes sobre o tema, através de um questionário composto por 5 perguntas, o qual foi analisado mediante a questão: houve mudança significativa na opinião do participante sobre a temática LGBT depois de assistido a algum filme proposto? Percebemos que há um grande trabalho de conscientização a ser feito para que possamos ter uma sociedade igualitária e justa, uma vez que sendo todos iguais perante a constituição, o gênero e a orientação sexual de cada um não poderá ser discriminatória ou exclusiva. Concluímos que a ausência de espaços para tais discussões ainda provoca falta de informação, ignorância, conceitos errôneos, preconceitos, tabus e homofobias e, ao utilizarmos filmes, poderemos ajudar a minimizá-los ou quem sabe, até excluí-los.

Palavras-chave: Gênero; Cinema; Escola; Diversidade sexual; Preconceito.

INTRODUÇÃO

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





“Precisamos de regeneração e não de renascimento, e o sonho utópico da esperança de um mundo monstruoso sem distinção de gênero faz parte do que poderia nos reconstituir” (HARAWAY, 2004, p. 81).

As discussões sobre gênero permeiam hoje às várias redes midiáticas, às conversas e, até mesmo, às brincadeiras entre amigos. Tudo isso ocorre devido à importância, magnitude do tema e, acima disso, à necessidade de toda uma classe se fazer visível. Existe por parte desta classe uma ânsia voraz de ser vista e ouvida, pois conhecemos bem as lutas travadas por eles para conseguir muitos de seus direitos. É necessário conhecer e desmistificar que existam anormalidades e diferenças, afinal por meio da evolução somos todos biologicamente iguais, entretanto o que nos difere uns dos outros é a nossa individualidade, a capacidade de sentir e de ser humanos.

O conceito de gênero é definido, segundo Alves e Pitanguy (1985), como uma construção sociocultural, que atribui a homem e mulher papéis diferentes dentro da sociedade e depende dos costumes de cada lugar, da experiência cotidiana das pessoas, bem como da maneira como se organiza a vida familiar e política de cada povo. O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Esse papel começa a ser constituído desde que o (a) feto está na barriga da mãe, quando a família, de acordo à expectativa, começa a preparar o enxoval de acordo com o sexo. Dessa forma, cor de rosa para as meninas e azul para os meninos.

Depois que nasce um bebê, a primeira coisa que se identifica é o sexo: “menina ou menino”, e a partir desse momento começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar.

O que Bourdieu (2003) vai nos afirmar é que a divisão das coisas e atividades na oposição entre masculino e feminino recebe sua necessidade subjetiva e objetiva na inserção de um sistema de oposições homólogas. Assim podemos entender que

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



a heterossexualidade, enquanto uma regra social, também é produto de um processo pedagógico que se inicia no nascimento e continua ao longo de toda a vida. Ou seja, nesta sociedade, se nascer fêmea, será ensinada a cumprir o papel de gênero "mulher", e a ter uma orientação sexual "heterossexual".

Neste sentido, sexo, identidade de gênero e orientação sexual são valores ou conceitos fechados, pré-construídos e compartilhados pelas instituições sociais. De tal forma que, se uma pessoa ousar questionar seu próprio sexo, ou tiver outra identidade de gênero além daquela pré-estabelecida, ou ainda que se expresse sexualmente fora do padrão heterossexual, esta pessoa estará convidando a sociedade a uma "revolução de valores".

Não obstante, em muitos casos, a comunidade LGBT é alvo de intolerância, discriminação, preconceitos e violências de autoria de uma parte da sociedade que tem imensas dificuldades em lidar com a diversidade, e que é violenta.

Não é ilegal – não há proibição, condenação ou leis anti-homossexuais no Brasil, ao contrário, ilegal é a discriminação de pessoas em virtude de sua homossexualidade. Não é uma opção – ser homossexual não é uma questão de escolha, e sim, uma condição da pessoa. Podemos dizer que ninguém escolhe ser homossexual, ninguém vira homossexual, a pessoa é homossexual. Sendo eu uma mulher, eu posso optar por fazer sexo com homens e até com mulheres, mas será que eu posso escolher gostar de fazer sexo com homens ou gostar de fazer sexo com mulheres? Será que eu posso escolher me apaixonar por um homem ou me apaixonar por uma mulher? Não é doença – tanto a Organização Mundial de Saúde, quanto o Conselho Federal de Medicina do Brasil, e até o Conselho Federal de Psicologia já retiraram, há décadas, a homossexualidade da lista de doenças ou desvios sexuais.

No Brasil nenhuma pessoa pode ser submetida a tratamento para se "curar" de homossexualidade. Na palavra "homossexualismo" se entende que o sufixo "ismo" significa doença, sendo substituído pelo sufixo "dade", que significa modo de ser. Por isso que hoje se diz homossexualidade. Se não é ilegal, se não é doença e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



mesmo com tantos direitos conquistados e assegurados por que ainda estamos distantes de uma sociedade igualitária?

A resposta é dada de acordo com o processo colonizador/histórico do Brasil. Fomos colonizados por um país de religião católica, que na Constituição brasileira de 1824 estabelecia em seu artigo 5º: “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo”. 164 anos depois, no período pós-ditadura, a nova constituição brasileira que vigora até os dias de hoje não repete tal disposição, nem institui qualquer outra religião como sendo a oficial do Estado.

Segundo o artigo 19, I, da constituição brasileira, foi estabelecido o seguinte: “É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes, relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público”.

Mesmo sabendo de tudo isso, as pessoas insistem em “taxar” a população LGBT como pecadores, como alguém digno de punição por ter “afrontado” as leis da Bíblia. Outra explicação é a intolerância com o outro, o não respeitar qualquer pessoa, independente de sexo, cor, raça ou outra distinção.

Neste artigo apresentaremos um estudo feito com filmes de conotação LGBT, tanto em salas de aula como na população em geral, cujo objetivo é analisar se o cinema pode ser capaz de desmitificar tabus e preconceitos.

O CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO

Segundo Napolitano (2009 apud VIEIRA, 2011, p. 553), a utilização do cinema na escola é de crucial importância, uma vez que o mesmo “possibilita a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





estética, o lazer, a ideologia e os valores mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”.

Leonardo Carmo, ao indagar o motivo da utilização do cinema na escola, completa que o “cinema conduz a um novo enfoque dos conteúdos porque (...) modifica os processos de transmissão de conhecimentos (...) tradicionalmente apoiados na leitura e na escrita”.

O cinema não evoca a realidade como a língua da literatura; não copia a realidade como a pintura; não mima a realidade como o teatro. O cinema reproduz a realidade: imagem e som! E reproduzindo a realidade, que faz o cinema então? Expressa a realidade pela realidade (PASOLINI).

Levando em consideração que o cinema, ao expressar a realidade, é capaz de fazer com que as pessoas reflitam sobre determinados assuntos, pode e deve ser uma magnífica estratégia a ser utilizada em sala de aula, desde que correlacione os conteúdos discutidos em aula teórica com os expostos nos filmes.

Contudo, é de suma importância que, após a exibição dos mesmos, seja feita uma discussão ou um debate, no qual todos os alunos e professor tenham a oportunidade de expor seus pontos de vista, suas opiniões e seus sentimentos acerca do tema proposto.

Através disso, visamos promover vários curtas e longas metragens como uma estratégia eficaz de romper e desmitificar estigmas, tabus e preconceitos presentes em diversos ideais retrógrados tanto em sala de aula como fora dela, fazendo com que as pessoas desenvolvam um olhar mais sensível e crítico com relação às diferenças de gênero e orientação sexual, sendo capazes de repensar as suas posturas. Ao passar os filmes, temos como intuito, promover o respeito e valorização da diversidade, tentando, ao máximo, contribuir com a diminuição da homofobia tanto na escola como na sociedade em geral.

METODOLOGIA:

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



3.1 Dentro do ambiente escolar:

Com o intuito de abordar sobre gênero e orientação sexual em quatro turmas de sétimo ano (120 alunos), em uma escola Estadual na cidade de Londrina-PR, foram feitas atividades semanais sobre o assunto no período de um mês (30 dias).

Na primeira atividade proposta, cujo objetivo é desmistificar algumas ideias do que é ser homem e do que é ser mulher, foi pedido para que os alunos escrevessem no quadro negro características físicas, biológicas, emocionais e, até mesmo, objetos e atitudes que os mesmos usariam, no dia-a-dia, para diferenciar um menino de uma menina, por exemplo, boneca e cor-de-rosa para menina, e bola e azul para menino.

Na semana seguinte, durante a segunda atividade proposta, os alunos, utilizando revistas dispostas na escola, recortaram diversas imagens de pessoas desconhecidas e, a partir unicamente da mensagem visual, inventaram um nome, uma profissão, uma idade e escolheram três “objetos pessoais” que essa pessoa poderia guardar em uma gaveta de seu guarda-roupa. No final, cada grupo explicou, para toda a turma, os motivos que os levaram a chegar a este ou àquele dado.

Na terceira semana, foram passados quatro curtas metragens sobre gênero e orientação sexual (Probabilidade, Torpedo, Encontrando Bianca e Eu não quero voltar sozinho), nos quais estavam inclusos adolescentes homossexuais (gays, lésbicas e bissexuais) e transexuais.

Ao final, na quarta e última atividade, foi passado o filme “Orações para Bobby” para que os alunos pudessem refletir e criar suas próprias opiniões acerca do assunto tratado e, posteriormente, possuírem capacidade para debaterem entre si e com a professora e estagiárias sobre o tema proposto.

3.2 Fora do ambiente escolar

Fora do ambiente escolar, foram selecionados alguns filmes sobre orientação sexual e diferenças de gênero (Orações Para Bobby, Minha vida em cor de rosa,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Assuntos de Meninas, O jogo da imitação, Tomboy, Transamérica, Meninos não choram, Azul é a cor mais quente, Do começo ao fim, Filadélfia, O Segredo de Broke Back Mountain e Hoje eu quero voltar sozinho) para que diversas pessoas com diversas faixas etárias e pontos de vista pudessem assistir, pensar, refletir e concluir se esses filmes são ou não capazes de modificar algum ponto de vista e/ou preconceito pré-existente na sociedade.

Os participantes foram escolhidos de modo aleatório, independente de orientação sexual, classe econômica, nível sociocultural e opinião sobre a comunidade LGBT. Logo, a amostra geral se consolidou em 20 pessoas, onde cada uma respondeu a um questionário composto de 5 perguntas, sendo 3 para serem respondidas antes da exibição do filme e 2 para serem respondidas depois.

Os questionários foram analisados mediante a questão: houve mudança significativa na opinião do participante sobre a temática LGBT depois de assistido a algum filme proposto?

ANÁLISE DOS RESULTADOS

No âmbito escolar, no momento em que foi pedido para que os alunos escrevessem na lousa características capazes de diferenciar um menino de uma menina, o resultado foi basicamente o seguinte:

Tabela 1: Características escolhidas pelos alunos

MENINOS	MENINAS
Azul	Rosa
Bola e carrinho	Boneca
Cueca	Calcinha e sutiã
Pênis	Peitos e vagina
Futebol e vídeo game	Ballet
Boné	Brincos, pulseiras, colares e esmaltes
Bermuda	Saia e vestido

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Cafajestes	Românticas
------------	------------

Pode-se notar que, ao pedir para os alunos citarem características ditas como masculinas e femininas, não são usadas apenas diferenças biológicas como a anatomia dos órgãos genitais (vagina ou pênis), as gônadas (ovários ou testículos), os hormônios e a genética (XX para as mulheres e XY para os homens), mas também diferenças emocionais – o que pode ser percebido ao ver que os alunos colocaram o romantismo apenas para as mulheres, em contraste com o termo “cafajeste”, usado para designar os homens.

Em geral, a maioria dos alunos separou as características em “coisas de meninos” e “coisas de meninas”, como cor (rosa para elas e azul para eles), roupa (vestido e saia para elas e bermuda para eles), acessórios (brincos, pulseiras, colares e esmaltes para elas e boné para eles) e até mesmo hobbies (ballet para ela e futebol e videogame para eles).

O masculino e o feminino são identificados como termos opostos, onde a mulher deve se portar como “dama” perante a sociedade, estando sempre arrumada, usando vestido e salto alto para ir a uma festa, ser uma ótima mãe e dona de casa, ser carinhosa, cuidadosa, gentil, meiga, sentimental, sensível e o mais feminina possível. Em contraste, o homem deve ser o provedor do lar – aventureiro, sério, forte, desorganizado, corajoso, audacioso, autoritário, independente, viril –, nunca usar roupas cor-de-rosa, tampouco brincar com bonecas na infância.

Na maioria das vezes, se homens ou mulheres fugirem dessas regras e padrões pré-estabelecidos socialmente são julgados – os homens tachados de afeminados, covardes, viados, bichas, e as mulheres chamadas de caminhoneiras, vadias, biscates, sapatão.

Tanto durante essa atividade como na semana seguinte (durante a segunda atividade proposta), foi feita uma discussão em sala de aula, com o intuito de mostrar para os alunos que não existem “coisas de meninos” e “coisas de meninas”, mas sim características e objetos que podem tanto estar presentes como serem usados por ambos os sexos. Mais ainda, foi discutido que o gênero com o qual uma

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



pessoa se identifica pode não ser o mesmo que lhe foi atribuído após seu nascimento. Jesus reafirma que gênero masculino e feminino é definido socialmente ao dizer que “o que importa na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente”.

Nas duas semanas seguintes, ao serem passadas diversas curtas metragens e o filme “Orações para Bobby” na sala de aula, o tema tratado passou a abranger as orientações sexuais de cada um, tendo como objetivo acabar ou, pelo menos, diminuir o preconceito existente por parte dos mesmos, estimulando o respeito entre eles.

No começo, os alunos acabaram levando os temas tratados um pouco na brincadeira. Puderam-se notar várias risadas, piadas, brincadeiras e insinuações de sentir nojo enquanto as curtas metragens foram passadas. Porém, toda essa repugnância foi sendo neutralizada conforme as histórias iam passando.

Após vários debates sobre gênero e orientação sexual, durante essas quatro semanas, houve um esclarecimento e uma melhora significativa no modo com que os alunos viam e tratavam esse assunto. Foi possível notar que os mesmos passaram a ser capazes de perceber que gênero nada tem a ver com a criança nascer com um pênis ou uma vagina, mas sim com o modo com que a mesma se enxerga e se apresenta perante a sociedade, tampouco tem relação com a orientação sexual de cada um. Gênero e orientação sexual podem se comunicar, mas um aspecto não necessariamente depende ou decorre do outro (JESUS).

Na amostra geral o que mais chamou atenção é como a falta de conhecimento sobre a classe LGBT pode influenciar uma pessoa a ser preconceituosa, sem ao menos entender o que é e o que ocorre no psiquismo de um indivíduo transgênero.

Outro dado presente nas respostas dos entrevistados é a esquiva ao falar de como reagiriam se um membro da família fosse LGBT. Ter amigos e conhecidos é aceitável pela sociedade e pelas normas de conduta, mas os laços familiares são para sempre e, independente da orientação sexual de seus membros, esse laço

Realização:



Apoio:

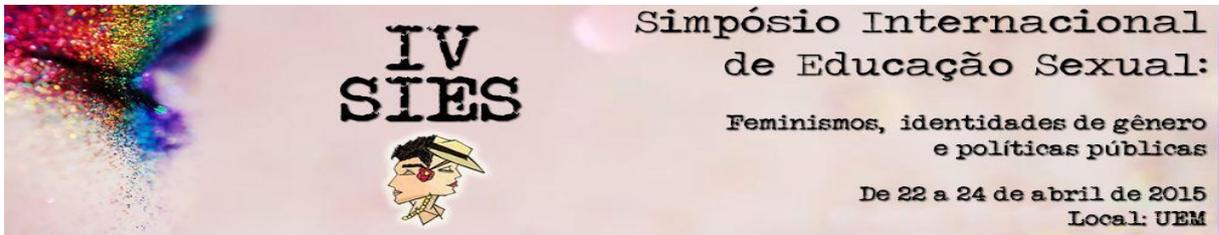


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





pode ser quebrado. A não aceitação de pessoas LGBT dentro da própria família pode ser notada em algumas respostas:

“Quando o homossexual faz parte do vizinho eu o aceito, porém não gostaria de vê-los em minha família. Eu os respeito, mas não os aceito”.

“Com relação à família não consigo aceitar, pois agride os meus princípios”.

“Homossexualidade é como animal em extinção: todo mundo defende, mas ninguém quer ter em casa”.

Dentro da própria classe LGBT também há preconceito por parte dos homossexuais perante os bissexuais e transgêneros, o que reflete o longo caminho que temos que percorrer como sociedade igualitária, a fim de diminuir os pré-conceitos e levar informações sobre essa população que muitas vezes é marginalizada pela maioria das pessoas. O preconceito dentro da própria classe LGBT pôde ser notado na seguinte resposta dada à pergunta: “qual seria sua reação se tivesse um parente LGBT?”.

“Mesmo sendo gay, há algumas coisas com as quais eu não concordo (...) se o parente fosse homossexual eu aceitaria de boa. Se fosse bi eu pediria que ele se decidisse, pois quem fica com alguém do mesmo sexo é homo – bi é uma forma de dizer que não se aceita. Se fosse trans eu pediria pra procurar uma forma de fazer a cirurgia, pois não sou a favor de homem andar feito mulher. Ou se aceita no corpo que nasceu ou vá atrás da cirurgia, já que existe pelo SUS”.

Quanto à pergunta problema, não houve uma mudança significativa na mentalidade dos participantes que não se consideravam preconceituosos sobre hipótese alguma, porém houve uma mudança significativa por parte dos que se consideravam homofóbicos. Isso pôde ser notado em algumas respostas dadas à

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





pergunta: “Após assistir algum filme proposto, você pode afirmar se sua opinião acerca de algum ponto explorado no mesmo foi modificada?”.

“Sim, pois as pessoas deveriam entender mais o filho e deixa-lo viver a sua vida, com seus próprios pensamentos e desejos”.

“Sim. Sempre achei que se eu fosse contra poderia mudar o que pra mim era inaceitável. Mas, compreendendo melhor o assunto, pude perceber que aquele que realmente assume seus desejos sexuais deve ser respeitado e apoiado”.

Pudemos notar que parte do preconceito que muitas pessoas afirmam ter só existe por conta da falta de informação sobre os diferentes gêneros e orientações sexuais.

Os dados serão apresentados em forma de tabela:

Tabela 2: Conclusão dos questionários da amostra geral

Homofóbico/lesbofóbico	20%
Transfóbico	34%
Aceitariam um membro da família se ele fosse LGBT	45%
Houve mudança de pensamento após assistir o filme	42%

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse trabalho foi mostrar como o cinema pode ser um mecanismo de extrema importância para auxiliar a desmistificar e levar informação e conhecimento sobre vários temas – aqui foi tratado da temática LGBT.

Essa pesquisa bibliográfica nos levou a uma gama variada de suposições quanto ao resultado da mesma. Ao iniciarmos as análises nos deparamos com

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





inúmeras opiniões controversas – algumas pessoas nem sabiam de fato que existem pessoas tão diferentes e que sofrem tanto para ser o que são. Isso reflete a nossa sociedade machista, patriarcal e religiosa, que prega valores antigos e muito enraizados, todavia que não podem ser aplicados em uma sociedade que prega a igualdade entre todos, e principalmente em um estado laico.

Percebemos que a população gay e a população lésbica não sofrem tanta discriminação quanto à população transexual, porém sofrem outro tipo de agressão, o chamado preconceito velado, onde se diz que tudo é normal, mas não dentro da família e, muito menos quando esse tipo de comportamento entra em contato, por mínimo que seja com uma pessoa que não aceita, mas respeita.

Mas afinal, o que é o respeito? Segundo o dicionário: “1 – Ação ou efeito de respeitar ou respeitar-se. 2 – Aspecto ou lado por onde se encara uma questão; consideração, modo de ver, motivo, razão. 3 – Apreço, atenção, consideração. (MICHAELIS.2009). O que hoje se prega como respeito é uma forma de dizer que não concorda, mas perante a justiça não se pode fazer nada.

Os filmes presentes neste trabalho nos levam há ápices de preconceitos seja na rua, no trabalho, nos grupos de amizade e principalmente dentro da família, local onde devia haver um acolhimento, uma cumplicidade, uma chance de o indivíduo ser ele mesmo. Se não há este ambiente propício, o indivíduo guarda para si as falas de que é errado e passa a acreditar nisso.

Indivíduos que não crescem em ambientes que pregam a igualdade podem ter dificuldades para sua própria aceitação, havendo uma maior dificuldade para aceitar o outro. Há um longo caminho para percorrer e iniciativas como esta devem ser incentivadas, principalmente com a população mais jovem.

Diante da temática e da sociedade em que vivemos outras questões surgiram como o preconceito com a população transexual. Logo, sugerimos este tema como pesquisa.

REFERÊNCIAS

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARMO, Leonardo. **O cinema do feitiço contra o feiticeiro**. Disponível em: <<http://www.rioei.org/rie32a04.htm>> Acesso em 12 de Março de 2015.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201-246, 2004.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e termos - Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais trans-gêneros, para formadores de opinião**. 2.ed. Brasília, 2012.

NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2009.

NUNES, Vaz. Educação sexual na escola. Disponível em: <http://www.escolovar.org/pes_educacao-sexual.htm> Acesso em 12 de Março de 2015.

PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo Herege**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982, p. 107.

MODERNO DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA MICHAELIS. São Paulo, Melhoramentos, 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=respeito>> Acesso em 18 de Março de 2015.

ABSTRACT

Although gender and sexuality don't possess an important space for discussion in day-to-day social and school, there is a need to put them on the agenda of day so that reflections happen. This research was conducted with 120 students of the seventh year of a state school in Londrina-PR and with 20 randomly chosen people in the general population, of different ages groups, in a period of 30 days having as objective the debunking of taboos and prejudices about LGBT people. Participants were evaluated after watching films on the subject through a questionnaire composed of 5 questions which was analyzed by the issue: there was significant change in the participant's opinion about LGBT themed after attended a movie proposed? We realize that there is a great work of awareness to be done so we can have a fair and egalitarian society, once being all equal under the constitution, the

Realização:



Apoio:



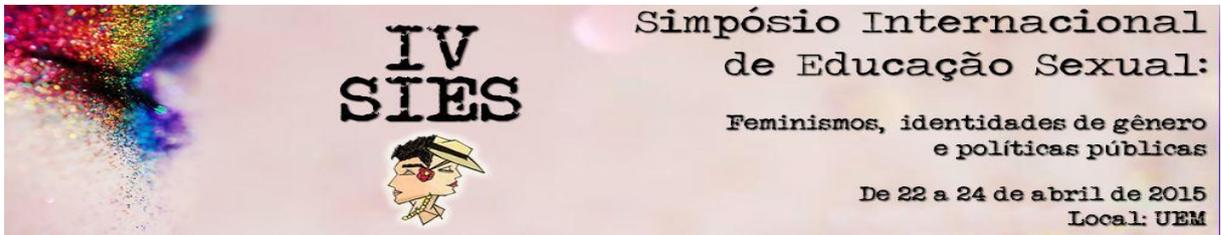
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



gender and sexual orientation of each can't be discriminatory or exclusive. We conclude that the absence of spaces for such discussions still causes lack of information, ignorance, prejudices, misconceptions, taboos and homophobia, and using films we can help minimize them or maybe even delete them.

Keywords: Gender; Movies; School; Sexual diversity; prejudice.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook